

Ventilador

Carlos Alberto Machado



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

À Tua Presença

Caderno Azul

I

Não é que não pense no fim do mês
até já pus o íman no contador
angustia-me tanta energia invisível
penso no fim do mês e da vida
e não sei o que me dói mais
os olhos abertos da minha filha
esperam por saber como perguntar
o teu pai filha ainda espera respostas
ou como construir as perguntas certas
esvai-se a casa e eu com ela
preocupado com as respostas
com as sobras das perguntas
enredo as palavras e embalo-as

II

Não se semeiam cadáveres para que nasçam
homens dizes tu
é o teu derradeiro argumento de condenação
de todas as guerras
já agitaste ideias a razão e a história
mobilizaste poetas e filósofos
e um olhar de terror na televisão quiseste
mostrar
diante de mim legiões de crianças a
precisarem de futuro
uma urgência que todos os dias agita jornais e
noticiários de TV
invade de inquietude todos os nossos
momentos e o que vejo
é outra inquietude a de destroços de homens à
tona da loucura
a mesma que vejo em ti desde sempre a de
saberes
que apenas se pode adiar o fim agora tão
perto.

III

Madrugada entre olhos brilhantes bandeiras
de certeza o que me apetece é um cigarro
apressar ainda mais o apagamento ou então
fugir
a rapariga grita "agora todos num grande
grito!"
não me iludo não estão dentro nem fora
o que há é podridão os tecidos esfarrapados
agitam-se no ar bandeiras confiantes
explodem
cânticos que levantam mortos e vivos para
mim
acabaram-se as coisas a partilhar corpos
desejos
lembranças nunca foram aliás senão literatura
ou uma hipótese dela como costumavas dizer
quando te apetecia um cigarro os velhos
partem
antes de sabermos como é a morte primeiro
parece começa pelas palavras os sentidos
órfãos de palavras sem literatura sem vida
- é quando as certezas resvalam das bandeiras
livros e corpos já gastos pelos mortos
que seremos um momento de silêncio.

IV

Faço contas à vida no dia da liberdade
deixo para trás os dias gloriosos
sempre o foram para os outros enfim
agora deixo o coração livremente
entristecer-se sem nada que o prenda
desligar-se a pouco e pouco da terra
os frutos nasceram poucos e amargos
vinte e cinco anos depois é tarde demais
tal como ontem para rancores e lágrimas
o que havia de florescer nunca o foi
apodrecem lentamente desejos e pessoas
foram-se ou deixaram de ser para mim
coisas importantes que nunca soube
aprender é coisa estranha aos pobres
esta é e será sempre a verdadeira pobreza
também posso acabar agora as lamúrias
não há terra da alegria de que me despedir
nem barca do amor com a qual me despedaçar
os filhos medram sem hinos nem glórias
removendo da pele os fracassos alheios.

Mais uma noite em que não estou para
ninguém
ocupada em desvendar as manchas do tecto
os olhos ainda não se habituaram está escuro
demais
mesmo assim a pouco e pouco isoło diferentes
tonalidades
cada noite é uma noite diferente mudam as
companhias
por agora apenas sei que as montanhas são
mais elevadas
mas é impossível reconhecer os monstros que
as habitam
daqui a uma hora talvez a luz do luar as
ilumine
a enfermeira Gertrudes não tarda em aparecer
por aí
então minha menina que é isso tão tarde e
ainda acordada?
são só os meus pensamentos deixe está tudo
bem
é o que ela quer ouvir jogamos este jogo há
meses
há meses que transformo uma noite e depois
outra
em imagens inventadas não há mais nada para
dizer
ocupo as minhas noites assim e já não estou
para ninguém.

VI

(variação em Lobo Antunes)

Encostada a uma pilha de almofadas
move os dedos em busca de nada no lençol
num abandono de tudo a respiração sumida
sonha com os jazigos transformados em casas
de bonecas
com o cheiro das mimosas e o jogo da macaca
sonha
é a mãe a chamá-la é hora do lanche!
sacode o vestido e pergunta que horas são
agora?
vinte para as cinco que hora tão improvável diz
os dois gatos enrolam-se ao pé da cama de
atalaia
e um mocho bate as asas contra a janela do
quarto.

VII

(para o Luiz Pacheco)

Pra que queres tu a merda do livro?
oferece o livro à miúda olhadora
aqui pasmada pela tomateira
não vê mas imagina sabe tudo
o que um gajo tem ou não tem
ó filha traz mais uma bejeca
prá miúda traz uma laranjada
toma miúda toma lá o Pavese
ofício de viver a porra da vida
e vai foder com este gajo catita
ele dá-te o livro e paga-te a gasosa
e pira-te quisto é só conversa fiada
tu ó lingrinhas arranja-me uns trocos
o puto Paulo ainda hoje não comeu
com ou sem ofício é preciso viver.

VIII

(para o Zé Amaro Dionísio)

Adeus ao cais
da nossa cidade
de todos os cais
de palavras
gestos
decisivos
o homem
vem de longe
aqui passa
foge sempre.
Porto de abrigo
imaginado
busca as palavras
na moldura nova
de um gesto.

IX

(para o Luís Miguel Cintra)

Testemunhas
na meia idade
outro actor
a meio caminho
de outra idade
agora que podes
ofereces sem esperar
outro olhar daquele
(nele te revês)
que percorrerá
outros caminhos
em ti
resiste
a palavra.

(para o Rogério de Carvalho)

Dou um dólar
ao miúdo
pelo jornal
da manhã
Luanda em guerra
não percebo
o olhar dele
um pedaço de pão?
uma mão cheia de arroz?
como te chamas?
olhos de vitória
pernas de fugir.



XI

(em memória do Paulo Valverde)

Guardei comigo sem saber
umas quantas pequenas coisas de nós
nada de que me lembrasse talvez
se alguém por absurdo me pedisse
o teu necrológio agora
com o espanto da tua morte
a roer-me ainda o músculo idiota
soletro meia dúzia de memórias
inúteis para os outros provavelmente:
os teus olhos que nos recebiam
a sorrir no aeroporto de São Tomé
o almoço com o João e a Antónia
na roça de São João dos Angolares
e também com eles o banho nus
na baía de Ana Chaves à noite
a tua motoreta chinesa "leve-leve"
e a partilha de um Tchiloli no Riboque
os célebres jantares "a convite"
o teu olhar tímido em Aguízé
ou quando sofremos em Maputo
um enxovalho imbecil e racista

pra que digo eu isto agora?
a paz não é possível eu sei
nem isso se oferece a um morto.



XII

(para a Leca)

Ri-se a pequena mulher sentada
entre tanta outras é a sua vez de ficar senil
uma senilidade precoce parece dizem
que continua suja e defende-se bem
mas os outros não imaginam esse prazer
(conheço o prazer dos loucos
assim lhes chamam) e das crianças com o sujo
dos seus corpos entenda-se com o que dele
podem extrair
das unhas da boca o chulé entre os dedos dos
pés
a porcaria do nariz a merda seca do cu a
porcaria acumulada
que se solta da pele e se deixa enrolar nos
dedos
sobre a palma da mão em concha formam-se
pequenos pedaços
dos seus corpos desprendem-se deles como do
que os rodeia
na realidade partilham-se dominam um pouco
de si mesmos
regresso à infância chamam-lhe os que fazem
o mesmo
às escondidas enrolo lentamente um ranho
suficientemente duro e elástico para se moldar
aos meus dedos e prolongar o mais possível
este prazer
e saber que ainda tenho alguma lucidez grita a
mulher
são todas umas grandes putas e peida-se
estupendamente.



A Minha Mão Acariciando I

Acabou tudo
o corpo na areia fria
retenho muito tempo a imagem
unem-se as vagas em assalto
final
resisto.

II

Na fotografia és tu
no duche envolta
em vapor de água
(sempre me perturbou e nunca soube porquê)
tens um olhar estranho
sem eu saber afinal
antecipavas a Marion
agora tingindo de vermelho
o original do Hitchcock.

III

O tiro foi exactamente entre os olhos
um pequeno orifício e sangue quase nenhum
nada deixava adivinhar o acontecimento
a mulher estava como todos os dias na
paisagem
como o vendedor de castanhas assadas
nem uma folha a mais ou a menos
mais tarde apurei a causa embora sem certeza
terá sido a diferença de ângulo nos seus
ombros
logo após ultrapassar o vão da porta de casa.

IV

Passei uma semana
a lavar o sangue
de lençóis e cobertas
e de uma roupas tuas
perdidas na cama
gastei uma bilha de gaz
litros e litros de água
suei dobrado na banheira
e no estendal da roupa
às vezes já noite alta
ao fim deste tempo
ainda a memória de ti
é difícil de a-
pagar

Desloco para a tua retina
todos os pasmos do crime
impressionante não é tanto
o sangue que inunda a cama
o latejar do coração sob
o punho que desfere o golpe
mortal é o pensamento
que dá a força ao acto
que destroça o cérebro
golpeia uma a uma as amarras
o teu corpo sob o meu amolece
e os teus olhos encerram
as imagens que não verei.

VI

A tua medida será esta bem sabes
uma hora nem mais é a medida exacta
o tempo que o antigo veneno celta
vai demorar a percorrer-te o corpo
há tanto tempo que sabemos disto
o espanto é adivinhar-te agradecida
e saber do meu gozo de cada segundo
dessa hora como a hora da minha morte.

VII

A minha mão acariciando o teu seio esquerdo
(ou direito?)
depois inquebrável tenaz no teu pescoço é
curioso
como certos encadeamentos dão a ilusão de
um desígnio divino.



Declinação Da Luz

I

O frio é de cortar pés e mãos e um pouco
sempre mais
esperança inútil e pueril de atingir um centro
qualquer.



II

Uma gaivota ensaia voos a desafiar as águas
o sangue que lateja no meu cérebro imobiliza-
se
as gaivotas hoje estão famintas de peixe
gota a gota a ferida recomeça a sangrar.

III

A luz declina de certa maneira o teu olhar
é na hora de perceber um rancor sem
remissão.

Mapa De Desencontros I

Abrigo-te
mais uma vez
há muito tempo
disseste aqui
hei-de morrer
voltas sempre
a esta morada
ris-te e partes
no telhado frágil
caem as primeiras
águas de Inverno.



II

Deus encontrou-te
eu sei
apaixonou-se pelos teus olhos verdes
(há fados assim)
à sombra das velhas árvores
dás-lhe a mão e passeiam
deve ser em calmos fins de tarde como este
que Deus se indis põe contra os homens
dizes-lhe não está descansado
não tenhas medo
aqui ninguém te reconhece.

III

Olhamos o amor e a morte
desdobrando-se no tempo
nas rugas das suas estações
demasiado tempo mantemos
a ilusão de uma diferença
mas o tempo comprime-se
naquele momento breve
em que a nossa vontade
julga poder prescindir dele.



IV

Chegaste à idade da morte
dos teus amigos também agora
começas a distingui-los
cai um e depois outro
e tu apressas o passo
desta vez vais discutir
o terreno palmo a palmo
não saberias o que fazer
se a solidão se despovoasse.

V

Vagarosas as mãos tocam
uma vez mais o teu rosto
é um desemprego de mim
um despovoamento ainda
inseguro e pouco a pouco
alongam-se os silêncios
as palavras esmorecem
escrevo nas águas
a última jornada
uma árvore
ensombra
apenas
mais
uma
vez.



VI

Afastas por momentos a mão que te afaga o
rosto
tacteando como costumavas dizer
nas peles enrugadas o amor é mais lento a
atingir
a emoção talvez se perca nos seus meandros
se detenha em cada um a antever alegrias
ou a rezear os desencontros
agora é a tua mão que procura
a outra finge um esquecimento breve
as mãos há muito que se conhecem
e a tua quer mais uma vez desafiar
o desejo que a um rosto cansado a tua mão
pode levar
antes que o desalento progredindo se instale
e feche todos os caminhos do seu mapa de
encontros.



VII

É forçoso Maria sabes como é a barca do amor
hei-de lá estar uns metros depois do
cruzamento
talvez primeiro o corpo talvez depois a cabeça
talvez afinal fiquem pertinho
vou-me embora já sabes não são precisas
desculpas
está na hora este comboio não costuma
atrasar-se.



VIII

Disseste que os meus olhos eram tristes
ou com aquela ternura dos tristes não sei
banalidades o que aconteceu
a tempestade e tanta chuva e vento na cidade
quente
fugimos para o teatro e tu deixaste cair os
olhos para dentro
está quase a passar e depois fiquei mesmo
triste
e tu disseste tens os olhos mais tristes do
mundo é mentira foi do vento
soube-me bem nesta cidade de tantos
lamentos
isso leva-me mais depressa e o vento ajuda
o condutor do táxi nunca saberá se foi da
ventania
ou se um tipo voou mesmo rasante para
debaixo dele esmagado
não chores a tempestade já passou.



IX

A meio do caminho pensaste
não há nada importante
para vos dizer agora
(um salto longo e sem gritos,
não há hipótese de Deus pensei)
depois só os teus restos no chão
tiveram alguma eloquência.

X

Coisas soltas como o dia
chegas daqui a pouco olá
descarregas o corpo à toa
perguntas não tens frio
a tv dispara gritos e tiros
folhetins notícias perigosas
acendo mais um cigarro
pões-me o duche a correr sim
e a toalha que a tua mão me deu
a felpuda com desenhos do mar
o cão do 3º ataca inúteis coelhos
talvez morra lá mais para o Verão
telefonaram de um jornal querem
não te oiço não deixes o gaz merda
já está podes recomeçar tudo sim
pouco a pouco a sombra.



Matéria I

Palavras
para te contar uma ausência
perdidas
palavras na desolação da ilha
palavras presas
e eu nelas.

II

Disseste há palavras forradas de silêncio
mas os homens acreditam nas palavras
com significados ou nos significados das
palavras
nas falésias batidas pelo vento e pelo mar no
Inverno
descobrimos vestígios de esponjas multicolores
antigos pensamentos
cedendo à força dos nossos desejos.

III

Agora que tenho o lápis na mão
paro para pensar como será a pedra
imóvel perante o desejo branco
abandono por momentos o desvario
olho o teu seio raiado de azul
a boca sôfrega que engole destinos
deixo deslizar à toa o bico do lápis
guio-me por vozes sussurradas longe
falam-me da matéria e das suas formas
a vontade desusada macula os sentidos
o meu tempo está a chegar ao fim
no papel desvendam-se mapas os rios
de sangue da minha mão incendiada.



IV

Desconheço por onde as palavras me levam
talvez pela escuridão dos açougueiros
estas palavras delidas como as carnes
corrompidas nas bancas do Mercado Velho
quero desfeiteá-las uma a uma arrancar-lhes
esperanças sonhadas embebê-las em venenos
sentidos da noite onde a sua matéria se
inventa
despedaço entre os dedos uma jaca madura
na garganta o vinho da palma alivia-me
de uma aspereza antiga digo
por onde me levam as palavras
entre carreiros de dejectos
procuro a foz.



Datas todos os teus poemas
mas omite a hora e o local
exactos
como nos crimes
os dias as horas os locais
vão-se arrumando a desjeito a tua obra
nunca há-de ser Completa
precisas sempre de imagens novas
para a vida se descompor mais a teu gosto
o próximo passo será o da decomposição
os corpos mergulhados em ácidos novos
eis como a ideia se adapta a preceito
de uma necessária renovação da palavra.



VI

Assinaste o teu nome
em papel sufocante
impressão bem à vista
xix escudos por página
um livro repleto
de palavras amestradas
pra oferecer no Natal
ou isso ou umas peúgas.

O Vinho Na Tua Boca

I

O jeito das minhas ancas
ondulando
colou-se
disseste dizias vem comigo
esquecias o pronome
e sorrias.



II

Há um segredo que não dizes
abres os braços como as aves
as mãos acariciando as imagens
pergunto-te ainda uma vez
o segredo é não existirmos
o sol tardio nos nossos corpos.

III

Derramamos
muito do teu sangue
antes soubemos
que não é doce
o teu sabor
é bom sabê-lo
depois
nada.

IV

Pedi-te para não dizeres mais
não procurares mais agora
não é possível saber mais não
quero saber mais não
é possível saber depois
descansámos sem saber
o que se pode pedir disse-te
ainda falta muito muito
o tempo é muito digo-te ainda
adeus não respondes
ainda bem há tantas palavras
que não devemos dizer
não procures mais
disseste
não ouvi.



Levanto a roupa da cama
olho-te pela última vez
a dormir
e saio
para o frio esconder
embora não a vejas
a última lágrima
da insónia forçada
a teu lado desocupado
do que houvera de nós
sinto o frio que persiste
e saio
sem saber que amanhã
voltarei.



VI

Hoje doeu
não digas nada amanhã
dizer a palavra errada
as palavras erradas uma a uma
as palavras agora ferem amanhã
doem menos arrancadas
sem rancor sem mágoa
uma a uma hoje doem
mas amanhã não estás.

VII

Na carta não te falo de promessas
recordo a praia de cinzas a mácula
falo-te da esperança que violámos
sabes por que não cumprirei
as palavras e os gestos e as coisas
sei saberei sempre como não há corpos
nas palavras as vozes que se perdem
entre os dedos um pedaço de papel
à espera de cumprir o seu destino
a cidade guarda aquela que te continuará
mas não conheço o seu rosto ou o seu nome
um futuro ferido por desencontros
o pêndulo sobre a minha cabeça
para sempre.



VIII

O cheiro apodrecido
do mercado do Bandim
os vapores do perfume rasca
de contrabando do Senegal
madrugada alta pediste-me
dinheiro para uns jeans
para um penteado louro bonito
paguei-te em francos baratos
o amor mal feito
porque não sabias.



IX

Os nomes trocados Bárbara e Maria da Madre
de Deus
tanto riso branco Maria e Bárbara de Deus
branco é bom
o lençol branco vermelho com o vinho do Porto
da boca de Maria e de mim e o da Madre de
Deus
casa-se com as imagens da tv depois ficas só
tu Maria
não me enganas o teu corpo sabe roubar a cor
à terra
Bárbara ri a aprender inglês com a CNN
Maria Madalena que língua fala o teu corpo?



No comboio para Sintra
dois magalas salivam
a olhar as tuas pernas
esguias entreabertas
o da esquerda mastiga
uma palavra encardida
e tu despertas dizes o
meu nome e fechas-te
tentas cobrir as pernas
com o casaco e a mala
há pouco disseste-me
as palavras interditas
a nossa viagem estava
inglória a chegar ao fim
seca-se o que há a dizer
sofremos enfim todos
no comboio para Sintra
só os magalas salivam.



ÍNDICE

Caderno azul.....	4
A minha mão acariciando.....	16
Declinação da luz.....	23
Mapa de desencontros.....	26
Matéria.....	36
O vinho na tua boca.....	42

Colecção

digit@lmente

Título: VENTILADOR

Autor: CARLOS ALBERTO MACHADO

Edição em Formato Livro: 2000

Edição em Formato Digital: Junho de 2020

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997